

Marcello Musto: I Internacional deixa mensagem para crises no Brasil e Europa

TER, 30/12/2014 - 06:08
ATUALIZADO EM 30/12/2014 - 06:08

Cíntia Alves



Jornal GGN - Centenas de anos se passaram desde que pipocaram as primeiras teorias sobre o futuro do capitalismo. O sistema atravessou séculos, entrou na era da globalização e arrumou seu próprio meio de sobrevivência, mas não sem despertar inúmeras contradições e tensões entre agentes sociais.

A crise internacional de 2008 e seus desdobramentos - mais visíveis nas principais economias do mundo - colocou em pauta a necessidade de repensar a forma como os trabalhadores se organizam por demandas nesse sistema, a exemplo do que a classe operária fez nos idos de 1860, com ajuda de pensadores como Karl Marx, um dos grandes responsáveis pela formação da primeira Associação Internacional de Trabalhadores.

Em entrevista ao **Jornal GGN**, o cientista político italiano Marcello Musto - que organizou um livro lançado recentemente por ocasião dos 150 anos da I Internacional (*leia mais no link abaixo*) - avaliou que a crise de representatividade que o Brasil e a Europa vivem hoje passa por mudanças na forma de organização política e social. O assunto, na visão dele, poderia ser discutido de maneira mais aprofundada se a geração atual tivesse memória do que foi a I Internacional.

Leia mais: [Os 150 anos da I Internacional e as discussões não superadas](#)

Ao contrário disso, o que o especialista destacou é que há um esvaziamento do papel dos partidos políticos (todos, de direita à esquerda, são colocados no mesmo bolo, de modo que a sociedade não acha que vale a pena aderir a um lado), ao mesmo passo em que os movimentos sociais estão divididos, embora a tecnologia da informação (principalmente a internet) dê a ilusão de que tudo pode ser conquistado se a massa se organizar. Ele também disparou contra a pouca capacidade crítica da população, que não busca ativamente alternativas ao sistema vigente ou a outros problemas atuais.

Apesar de o Brasil ter assistido em junho de 2013 a uma série de protestos por mais direitos sociais, Marcello Musto acredita que nem este ato e tampouco outros que aconteceram ao redor do mundo - inclusive na Europa, em função dos altos índices de desemprego - são sinais de que as massas se conscientizaram e podem ser unificadas, como aconteceu na Internacional.

"Essa não é uma herança da Internacional, porque nos últimos 30 anos, sobretudo com a geração dos que agora estão na universidade, foi cortada a memória [do que foi aquela luta contra o capitalismo explorador, pela emancipação dos trabalhadores e mais direitos]. Não há memória", ponderou. "[Essas manifestações] Surgem porque hoje as contradições do capitalismo existem. (...) O capitalismo é global e mais agressivo com a crise. E essas contradições produziram algumas manifestações."

"As mais interessantes e positivas foram as manifestações onde havia uma clara plataforma de justiça social de esquerda. Em outros países, essa condição antipolítica - direita e esquerda não têm diferença - abriu a porta para grupos políticos de extrema direita, em toda a Europa. E isso cria uma condição de perigo enorme. Porque numa sociedade que tem a tecnocracia burocrática dirigindo a economia, a austeridade é o segundo modelo. A cada semana a Europa está em condições piores."

O LEGADO DA I INTERNACIONAL

Questionado sobre qual é o legado que a I Internacional deixa para a sociedade atual, Musto afirmou que seria, primeiro, a discussão sobre a perspectiva transnacional de organização. *"Entender que sua vida não vai melhorar se está fechado em seu Facebook ou em seu jardim. E teu país, se tem um crescimento, mas está acontecendo uma guerra no Mediterrâneo, (...) hoje está bem, mas amanhã o problema vai tocá-lo também. Como aconteceu com a crise de 2008."*

"A outra questão é essa da participação [social ativa], que é fundamental, e essa é a mensagem central da Internacional. Os trabalhadores têm que se preocupar, tem que fazer política, os jovens tem que observar o mundo e questioná-lo criticamente. E nesses documentos [da antologia sobre a I Internacional] há muitas coisas que ajudam nesse sentido, porque atuam radicalmente contra essa sociedade."

A mensagem central, entretanto, é que o capitalismo, *"mais do que a 150 anos atrás"*, merece avaliação. *"Porque lutar por algumas reformas na sociedade é muito importante, mas se sua posição na sociedade não muda... A mensagem forte da Internacional é que os trabalhadores tem que lutar contra o capitalismo, contra esse sistema de exploração de homens sobre outros. Essa é a mensagem de emancipação que está atual e sempre será atual até que a sociedade se organize com o modo de produção capitalista."*

A INTERNET E A ILUSÃO DOS PARTIDOS HORIZONTAIS

Indagado sobre a função da internet como propulsora ou canalizadora de insatisfações e demandas que movimentam as massas, Marcello Musto ressaltou que não gostaria de falar contra a militância na rede, mas observou que talvez a crise de representatividade que muitos países vivem hoje passe pelas mudanças na forma de organização social e política.

Ele argumentou que nos últimos anos os partidos políticos, por exemplo, foram atacados principalmente pelo excesso de burocratização. E a solução apresentada para isso seria tornar a direção das legendas mais horizontais, para garantir melhor acesso e participação a todos. Em tese, era isso, e a internet seria um canal de comunicação providencial. Mas na prática, segundo Musto, a Itália foi um dos países que assistiram à criação de partidos "horizontais" que, por trás dos panos, eram capitaneados por uns poucos endinheirados. Ou seja, o que existe, na prática, é manipulação das massas.

Musto avaliou que o poder de organização da I Internacional aparentemente supera esse modo atual de ver e fazer política nas redes. O diferencial, no caso da Internacional, era justamente a existência (e não negação) de diretrizes pré-estabelecidas e cabeças que fizessem o organismo caminhar no sentido indicado pelos diversos movimentos sociais.

"Na Internacional, existia uma participação autêntica. E essa é a forma que penso, ou seja, não precisamos retomar ao que existia antigamente, mas sim voltar a uma ideia de organização política complexa. Não como na web, onde 'somos todos iguais', mas depois são sempre 5, 6 mil pessoas que votam e tomam decisões, e as tomam porque o chefe que tem milhões de euros para organizar a publicidade disse para tomar."

"A Internacional teve mais de 150 mil trabalhadores que construíram as lutas. E esse modelo de participação política é uma mensagem para a crise que temos hoje, no Brasil e na Europa, uma crise de participação política. Isso me parece de uma atualidade enorme, extrema!"

**Entrevista concedida a Cíntia Alves e Patricia Faermann.
Imagens e edição por Pedro Garbellini.**

Tags

[trabalhadores](#)
[representatividade](#)

[Europa](#) [brasil](#)
[formação política](#)

[Marcello Musto](#)

[I Internacional](#)

[crise de](#)